



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAMETRO
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JANAINA FERREIRA DOS SANTOS

**“CIUMENTO EU”: UMA ANÁLISE MUSICAL ACERCA DOS
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

FORTALEZA

2020

JANAINA FERREIRA DOS SANTOS

“CIUMENTO EU”: UMA ANÁLISE MUSICAL ACERCA DOS
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Fametro – (UNIFAMETRO) como requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Profa. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

FORTALEZA

2020

JANAINA FERREIRA DOS SANTOS

“CIUMENTO EU”: UMA ANÁLISE MUSICAL ACERCA DOS
RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Fametro – (UNIFAMETRO) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Data de aprovação: 09 /12 /2020

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida
Orientadora – Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

Prof^a. Ma. Lorena Brito da Silva
Membro – Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

Prof^a. Dra. Maria Zelfa de Souza Feitosa
Membro - Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

S237c Santos, Janaina Ferreira dos.
“Ciumento eu”: uma análise musical acerca dos relacionamentos abusivos. / Janaina
Ferreira dos Santos. – Fortaleza, 2020.
27 f. ; 30 cm.

Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza 2020.
Orientação: Prof.^a Dr.^a Sara Guerra Carvalho de Almeida.

1. Relacionamento abusivo. 2. Violência - Mulher. 3. Psicologia. I. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir vivenciar esse momento único e tão sonhado e por todo o caminho percorrido no decorrer do curso, aquele que sempre me concede forças para vencer os obstáculos enfrentado em toda a vida, gratidão por todo amor e cuidado sobre mim, sem sua direção nada seria possível.

A minha família que mesmo longe, me compreenderam e me incentivaram por todos esses anos para a conclusão dessa conquista, em especial aos meus pais que mesmo distantes me enviaram forças e incentivo para que tudo se realizasse, vocês são muito importantes para mim.

Ao meu esposo Gerlan (in memoriam) que não pode estar presente nesse momento tão incrível da minha vida, que sempre foi o meu incentivador me apoiou e me ajudou em tudo, nas horas difíceis sempre me estimulava a prosseguir. Saudade eterna, gratidão por todo amor e carinho, permanecerá para sempre em meu coração.

Ao meu filho, Raylan que me ajuda a seguir mesmo que muitas vezes em meio às lágrimas, obrigada pelo seu amor, sua paciência, por tudo, você é minha luz, amo você meu NENO.

A todos os meus amigos com os quais compartilhei minhas angústias e ansiedades, por me aguentarem nas horas chatas e difíceis. Gratidão a todos que contribuíram direta ou indiretamente, pelo o apoio e pelos incentivos constantes para que esse sonho se realizasse. Em especial a minha amiga Liliane por me ouvir e me encorajar a prosseguir, ao casal de amigos que amo, Miguel e Jucileide, os quais me ajudaram nessa etapa tão desafiadora, obrigada minha amiga irmã Jucileide por compartilhar suas experiências e seus conhecimentos e as incontáveis horas que se dispôs a me ajudar, obrigada pelo o apoio e excepcional incentivo de vocês, por estarem comigo sempre.

A todos os professores do curso de psicologia da UNIFAMETRO, por compartilharem tantos ensinamentos e com tanta dedicação e amor enriquecendo o aprendizado durante o curso no meu processo de formação profissional.

Deixo os meus sinceros agradecimentos a minha banca examinadora, a professora e orientadora Dra. Sara Guerra, professora Dra. Lorena Brito e

professora e Dra. Zelfa de Souza, agradeço pelos ensinamentos deixados em todo percurso de aprendizado.

Agradeço a minha orientadora Sara Guerra, por todo apoio incentivo atenção e principalmente por acreditar em mim, tudo me serviu de pilar de sustentação para a conclusão desse trabalho, suas palavras positivas sempre me fizeram prosseguir me deixando confiante de que eu seria capaz. Obrigada por ser uma constante fonte de motivação e inspiração e pelo ser humano incrível que és.

A minha estimada e querida professora Deborah Farias, sempre me apoiando e me incentivando no decorrer dessa caminhada, gratidão pelos ensinamentos e pelas contribuições.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre os relacionamentos abusivos a partir da compreensão da letra da música “ciumento eu” (HENRIQUE; DIEGO, 2017), da dupla sertaneja: Henrique e Diego. Selecionamos essa canção, levando em conta seu sucesso e por possuir uma letra que caracteriza a romantização do ciúme e da posse em um relacionamento amoroso, além de outros critérios de inclusão. Mesmo tendo essa canção como objeto de pesquisa, tecemos comentários sobre outras canções. O método de pesquisa é de análise de música. Como aporte teórico, recorreremos Oliveira *et al.* (2016) e Silva (2019) para a conceituação de relacionamento abusivo, em relação à romantização do ciúme, Canezin e Almeida (2015) e Almeida, Rodrigues e Silva (2008), no tocante à naturalização das relações abusivas Santos e Sanchotene (2019) e Contieri (2015), dentre outros pesquisadores. Por fim, chegamos à conclusão de que a música reforça o machismo, a opressão contra a mulher, estimula a violência, mesmo que não seja a física, e justifica o ciúme como forma de proteção. Foi possível perceber ainda que as mulheres aparecem como sendo os principais alvos desse tipo de abuso na relação, não afastamos a hipótese de que possa acontecer em contextos familiares, ou nas relações homoafetivas ou até mesmo nas relações entre amigos. Eis aí a importância de se discutir tal assunto.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo. Ciúmes. Violência contra a mulher.

ABSTRACT

This work aims to discuss abusive relationships based on the understanding of the lyrics of the song "jealous me" (HENRIQUE; DIEGO, 2017), by pair of country singers: Henrique and Diego. We selected this song, taking into account its success and for having a lyric that characterizes the romanticization of jealousy and possession in a loving relationship, besides other inclusion criterions. Even having this song as an object of research, we made comments about other songs. The research method is music analysis. As a theoretical contribution, we used Oliveira et al. (2016) and Silva (2019) for the conceptualization of abusive relationship, in relation to the romanticization of jealousy, Canezin e Almeida (2015) and Almeida, Rodrigues e Silva (2008), in relation to the naturalization of abusive relationships Santos and Sanchotene (2019) and Contieri (2015), among other researchers. Finally, we come to the conclusion that music reinforces machismo, oppression against women, stimulates violence, even if not physical violence, and justifies jealousy as a form of protection. It was also possible to notice that women appear as the main targets of this kind of abuse in the relationship, we do not rule out the hypothesis that it may happen in family contexts, or in homoaffective relationships or even in relationships between friends. That is the importance of discussing this issue.

Keywords: Abusive relationship. Jealousy. Violence against women.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	11
3 OBJETO DE ESTUDO	11
3.1 Local de estudo	12
3.2 Critérios de inclusão	13
3.3 Critérios de exclusão	13
3.4 Procedimentos	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	14
4.1 Idealização dos relacionamentos abusivos como forma de cuidado	14
4.2 Ciúmes como romantização dos relacionamentos abusivos	17
4.3 A música e a naturalização das relações abusivas	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Oliveira *et al.* (2016), o relacionamento abusivo é definido como o poder arbitrário de ordem física ou emocional sobre uma pessoa ou companheiro controlando seus atos ou práticas. Em que há muitas vezes manipulação de forma velada com violências psicológicas ou pequenas privações afastando-o do seu convívio pessoal (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Vale salientar que independe de como venha a ocorrer o abuso, conforme Silva (2019), sendo que as mulheres sofrem mais com essa violência, não querendo afirmar que isso não possa acontecer em ambas as partes envolvidas, seja nas relações heterossexuais, seja nas homoafetivas, seja em amizades. Logo, em qualquer que seja a relação, podemos encontrar características de padrões abusivos, sendo esses abusos caracterizado pelas ações contidas nesses relacionamentos independente de quem componha tais relações.

Da mesma forma como afirma Smeha e Oliveira (2013), o relacionamento abusivo se caracteriza inicialmente com ilusões românticas e com idealizações, ou seja, com muitas expectativas no que diz respeito ao outro. Muitos desses relacionamentos se iniciam com esse amor romântico, os quais são descritos em canções, em poemas, e em filmes e relatam que existem diversas concepções sobre o amor. Com isso, faz-se necessário uma maior discussão em relação à naturalização das relações abusivas, para não as associar a uma relação amorosa saudável.

Muitas vezes essa naturalização pode agravar determinados comportamento de posse ou de ciúmes sobre a vida do outro e até mesmo pela questão cultural e machista tomam dimensões de violência. Podemos identificar essas ações por ato de hostilidade, de humilhação, de extremo ciúme, de controle, nesse caso, não se tratando de atuações protetivas, mas sim possessivas, de ameaças sobre o relacionamento, de chantagens emocionais que se alteram com facilidade, com manipulação e com arrependimentos transitórios acompanhado de promessas de mudanças.

Outrossim, os relacionamentos afetivos abusivos conjugais podem apresentar padrões de comportamentos de um dos membros envolvidos, sendo que se inicia com tratamentos grosseiros, atingindo áreas emocionais, sexuais, físicas, econômica dentre outras, podendo acontecer todas ao mesmo tempo com várias intensidades, como afirma Silva (2019).

Segundo a Associação portuguesa de apoio à vítima (2008), o ciclo do relacionamento abusivo é constituído por três fases. A primeira fase, denominada fase do aumento da tensão no dia a dia, servindo de pretexto para o agressor causar tensões na vítima, começam com agressões verbais e, mais tarde, físicas, como, por exemplo, estalos e empurrões sempre pondo a culpa na própria vítima, essa passa, então, a ter medo constante de contrariar o parceiro. Essa fase poderá perdurar por meses ou mesmo anos, sendo, por isso, um período muito angustiante para a vítima.

Na segunda fase ocorre ataque violento e descontrole do parceiro, momento em que a vítima sofre agressões sexuais, físicas e psicológicas. Essa vítima tenta se defender até o final do abuso, sendo que a chamada da polícia à residência só acontece nesse período (WALKER, 2009).

Ainda de acordo com a Associação portuguesa de apoio à vítima (2008), a terceira e última fase trata-se da lua de mel, na qual o agressor mostra arrependimento, faz juras de amor, garante que essas atitudes não irão se repetir e que o seu comportamento mudará, justifica seu comportamento e atitudes muitas vezes de maneira sedutora, delicada, levando a vítima a acreditar. Porém, o ciclo se repete sendo que as fases de tensão e de apaziguamento serão de menor duração e a fase de ataque violento será de maior duração e cada vez mais intensa. Essa fase pode perdurar por meses ou até mesmo anos, chegando a situações mais extremas, pode resultar num homicídio (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA, 2008).

Segundo dados estatísticos em 2015, a Globo e a ONU mulheres através de uma campanha de enfrentamento a violência de gênero alertaram sobre essa violência através dos seguintes dados que: "A cada 15 segundos uma mulher cai da escada, escorrega no banheiro ou tropeça no tapete. E a cada uma hora e meia uma mulher não sobrevive para contar a próxima desculpa" (GLOBO..., 2015, *on-line*).

Conforme mostram pesquisas produzidas por Enóis I Inteligência Jovem (2015), em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e com o Instituto Patrícia Galvão e uma outra pelo Instituto Avon (2013), mulheres jovens de 14 a 24 anos, por exemplo, 57% delas já têm ou tiveram um companheiro para controlar sua amizade e paradeiro. 47% já foram forçadas a fazer sexo com seus parceiros, e 39% de seus parceiros pediram que trocassem de roupa antes de sair de casa. De acordo com outra pesquisa do Instituto Avon e do Data Popular (2013), 40% das jovens de 16 a 24 anos já tiveram companheiro que tentam controlá-lo, perguntando onde estão, com

quem estão e o que estão fazendo. 30% dos parceiros hackearam todas suas redes sociais, e 51% das jovens se tornaram vítimas de algum tipo de abuso após o término do relacionamento. 75% das entrevistadas relatam que na criação tiveram tratamentos diferentes por serem mulheres; 77% afirmam que a criação machista interferiu em seu desenvolvimento e 90% ou mais já deixaram de agir por conta própria por medo da violência de gênero.

Da mesma forma, levantamentos do Mapa da Violência de 2015 apresentaram que entre os anos 2003 e 2013 teve um aumento significativo de 21,0% no número de mulheres vítimas fatais da violência dentro de relacionamentos, passando de 3.937 mortes em 2003 para 4.762 em 2013. Um assustador número de 13 homicídios femininos por dia para a década (WAISELFISZ, 2015). O crescimento da população feminina, que no mesmo período de dez anos foi de quase 90 milhões a 99,8 milhões (mais de 11% de crescimento), quase na mesma proporção houve um crescimento de quase 9% da violência nesse tempo.

Em 2014, a cada dia, 405 mulheres são atendidas em unidade de saúde, por alguma violência sofrida (WAISELFISZ, 2015), segundo as estatísticas foram atendidas 223.796 vítimas de diversos tipos de violência, duas em cada três (147.691) foram mulheres que precisaram de atenção médica por violências domésticas, sexuais e ou outras. A partir dos 17 anos, 71,3% (n=223.796) dos atendimentos relacionados à violência passam a ser de mulheres, e apenas 28,6% (n=223.796) de homens.

Uma pesquisa realizada por um repórter da UNESP aponta que esse número aumenta, 56% dos homens admitem já terem cometido uma dessas agressões contra a parceira e, a maioria, mais de uma vez. Algumas das ações citadas são: xingar (53%), empurrar (19%), ameaçar com palavras (9%), impedir de sair de casa (7%), humilhar (5%) e obrigar a fazer sexo (2%). Em relação às pesquisas sobre violência doméstica homossexual, vale ressaltar que esse tipo de pesquisa é escassa, porém tal violência é tida como um dos três riscos mais importantes à saúde de gays e de lésbicas (NOVAIS,2015). Pesquisas feitas nos Estados Unidos, segundo uma matéria produzido pelo website Uol, afirmam que a violência doméstica entre casais homossexuais ocorre aproximadamente entre 12% a 39% dos relacionamentos, uma estatística quase idêntica a dos heterossexuais (CUNHA, 2018). Mediante o exposto, este trabalho objetiva discutir sobre os relacionamentos abusivos a partir da compreensão da letra da música “ciumento eu”, da dupla sertaneja: Henrique e Diego.

E traz como objetivos específicos analisar a problematização e as concepções socioculturais sobre o cuidado, os ciúmes e a naturalização como forma de aceitação desses relacionamentos abusivos através da música.

O interesse pelo estudo se deu a partir da percepção de uma naturalização diante do tema abordado, partindo de vítimas bem próximas que ao relatarem o que vivenciam não se dão conta que estão vivenciando uma relação abusiva.

2 METODOLOGIA

O método utilizado neste estudo foi análise de uma música que consiste em discorrer sobre conceitos no qual compõe a letra dessa música e que deram sustentação para a análise musical desse trabalho, a música é intitulada como “Ciumento Eu”, do ano de 2017, faixa 3 do DVD “De Braços Abertos” da dupla Henrique & Diego, com participação de outra dupla famosa Matheus & Kauan. Trata-se de uma canção cuja letra relata um excesso de cuidado e de ciúmes, na qual nos faz idealizar um relacionamento abusivo como forma de cuidado ou até mesmo de “Amor”.

3 OBJETO DE ESTUDO

CIUMENTO EU
 Ciúmes não
 Excesso de cuidado
 Repara não
 Se eu não sair do seu lado
 Tem uma câmera no canto do seu quarto
 Um gravador de som dentro do carro
 E não me leve a mal
 Se eu destravar seu celular com sua digital
 Eu não sei dividir o doce
 Ninguém entende o meu descontrole
 Eu sou assim não é de hoje
 É tudo por amor
 E tá pra nascer
 Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
 Ciumento, eu?
 E o que é que eu vou fazer
 Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
 Ciumento, eu?
 Melhor falar baixinho
 Senão vão te roubar de mim.
 (HENRIQUE; DIEGO, 2017, on-line)

A música gravada no ano de 2017, pela dupla Henrique & Diego, tendo como compositores Danilo D'Ávila, Élcio de Carvalho, Gustavo, Júnior Pepato e Lari Ferreira, aborda em sua letra várias temáticas relevantes como: romantização do ciúme, relacionamento abusivo no sentido de cuidado, manipulação de parceiros dentro das relações amorosas e também a perda de identidade dessas mulheres, quando tudo passa a ser manipulado e monitorado como descrito na letra da referida música.

A referida música é dividida em três partes, como já mencionado anteriormente, trazendo em sua letra um assunto muito abordado ultimamente que são os relacionamentos abusivos, de uma forma bem romantizada e naturalizada. Na primeira parte da música, a letra descreve um ciúme em excesso diante de inúmeras formas de monitorar a vida do outro, na qual ao mesmo tempo deixa subentendido uma forma de desculpa por tal comportamento e uma espécie de manipulação como forma de cuidado.

Na segunda parte, que é o pré-refrão, tem a comparação da mulher a um doce ou algo que não se pode dividir, fazendo com que tudo seja naturalizado, através do que é expresso. Já na terceira e última parte que é o refrão é mencionado o cuidado e a paixão, sendo esta doentia como forma de cuidar, afirmando que está a cuidar do que é dele, a voz que fala na canção relata toda sua possessividade em relação ao objeto de amor e o medo da perda ao roubarem tal objeto.

Assim sendo, a análise musical também se torna um método de pesquisa, desde que tenha um embasamento teórico e uma análise crítica sobre tal música.

Tagg (2011) cita sobre a importância da música para a humanidade, entretanto relata que várias dessas músicas na mídia afetam as pessoas, seja por romantizar um relacionamento abusivo ou até mesmo por incentivar a própria violência contra o parceiro, a partir disso é preciso desenvolver a habilidade de analisar mensagens musicais o que não é comum em nosso meio.

3.1 Local de estudo

A pesquisa foi realizada a partir das seguintes bases de dados: Google, You Tube e dois dos principais sites de letras de músicas como: cifras Club e letras. Tal pesquisa foi realizada a partir do período do mês de outubro de 2020, na busca foram

utilizados os seguintes descritores: músicas de relacionamento abusivo, letras abusivas.

3.2 Critérios de inclusão

O critério para a inclusão da música “Ciumento, eu” de Henrique e Diego é por estar nas paradas de sucesso (mídias), por conta do gênero musical, pois o sertanejo universitário no momento é um dos mais ouvidos e reproduzidos pela geração atual, por isso, podemos identificar como “modinha” do momento.

3.3 Critérios de exclusão

Os critérios de exclusão levaram em consideração a atualidade, as músicas menos tocadas nas mídias e também excluímos os gêneros musicais menos procurados.

Essas 13 músicas foram excluídas, intituladas como: Coração pede socorro (Naiara Azevedo), Amor que dói (Simone e Simaria) sendo utilizadas como campanha do Governo Federal, Mala é falsa (Felipe Araújo), Quem ama cuida (Cecilia e Rodolfo), Senha do celular (Henrique e Diego), Perto de você (Marília Mendonça), Vidinha de balada (Henrique e Juliano), Por causa de você (Kelly Key), Ele bate nela (Simone e Simaria), Não se brinca com a mulher (MC Marcely), Sou Ciumento mesmo (Wesley Safadão), Ciúmes de você e o Cara que pensa em você toda hora (Roberto Carlos). Por algumas serem menos conhecidas e outras mais antigas e menos tocadas nos meios de comunicação.

3.4 Procedimentos

A partir do mês outubro de 2020, iniciou-se a pesquisa para análise musical, realizando em princípio a escolha da música, considerando critérios de inclusão e exclusão tendo em vista a temática de acordo com a música analisada e o com o direcionamento a relacionamentos abusivos ou violência contra o parceiro.

Foram encontradas 13 músicas relacionadas ao tema, intituladas como: Coração pede socorro (Naiara Azevedo), Amor que dói (Simone e Simaria) sendo essas duas primeiras utilizadas como campanha do Governo Federal de atos de

violência contra a mulher, Mala é falsa (Felipe Araújo), Quem ama cuida (Cecilia e Rodolfo), Senha do Celular (Henrique e Diego), Perto de você (Marília Mendonça), Vidinha de balada (Henrique e Juliano), Por causa de você (Kely Key), Ele bate nela (Simone e Simaria), Não se brinca com a mulher (MC Marcely), Sou Ciumento mesmo (Wesley Safadão), Ciúmes de você e o Cara que pensa em você toda hora (Roberto Carlos).

Após uma análise das músicas selecionadas foram lidas as letras na íntegra e, em seguida, uma nova análise foi realizada, selecionando apenas a música que mais se aproximou da temática de interesse, pela a forma como a letra da música aborda bem mais explícita os relacionamentos abusivos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a análise da música escolhida foram destacadas três temáticas que irei abordar no decorrer dos próximos capítulos sendo divididas em: idealização do relacionamento abusivo como forma de cuidado, ciúmes como romantização dos relacionamentos abusivos e a música e a naturalização das relações abusivas através das músicas.

4.1 Idealização dos relacionamentos abusivos como forma de cuidado

De acordo com Oliveira *et al.* (2016), os relacionamentos abusivos, apesar de destrutivo, se tornam muitas vezes algo até desejável pela forma como são romantizados e facilmente negligenciados, muitos desses relacionamentos não deixam a vista a forma grave de violência, por ser ela silenciosa, mas que deixa cicatrizes incuráveis para o resto da vida.

“Cuidadoso e apaixonado” é o que descreve o refrão da letra da música em análise neste trabalho, atualmente muito dos relacionamentos, sendo considerado abusivo, possuem inúmeras estratégias consideradas como cuidar da pessoa amada, porém esse cuidar progride deixando esse outro num estado de desequilíbrio, geralmente são pessoas inseguras que se ver no direito de ter esse domínio sobre o outro.

Segundo Maia e Cascaes (2017), geralmente os comportamentos abusivos são romantizados e dão início de forma bem abstrata, mas aos poucos vai ultrapassando

todas as barreiras, passando a ocasionar certo amargor, angústias e sofrimentos, com todo o controle excessivo de poder é que ocorre o abuso, a partir de um sentimento de dominação e de posse sobre o outro, o que acaba sendo confundido com paixão e coloca esse outro na condição difícil da fuga de tal relacionamento, seja por se tornar muitas vezes dependente, seja por aceitar que pode salvar seu relacionamento ou até por acreditar numa possível mudança da parte do parceiro(a).

Nesse sentido Oliveira *et al.* (2016), também afirma que esses relacionamentos abusivos são idealizados como forma de cuidado, fazendo com que a maioria das pessoas que estão dentro desse contexto do relacionamento abusivo tenham extrema dificuldade de identificar seu abusador, pois o mesmo consegue muitas das vezes reverter certas situações de abuso como forma de cuidar ou de preocupação com a segurança do outro, como fala a música em análise o que as fazem confundir com uma relação saudável.

Infelizmente dentro do contexto atual ainda vemos corriqueiramente a banalização desses relacionamentos o que conseqüentemente dificulta essa percepção da parte da vítima do ambiente abusador na qual essa está inserida. Logo abaixo, o primeiro trecho para análise da música.

Ciúmes não
Excesso de cuidado
Repara não
Se eu não sair do seu lado
Tem uma câmera no canto do seu quarto
Um gravador de som dentro do carro
E não me leve a mal
Se eu destravar seu celular com sua digital
(HENRIQUE; DIEGO, 2017).

Esse primeiro trecho da música nos descreve um parceiro extremamente “cuidadoso”, mas por outro lado extremamente possessivo. Entretanto, segundo Oliveira *et al.* (2016), esse abusador consegue fazer toda uma mudança da sua situação de posse ou de abuso para uma total forma de romance, com isso se torna algo encantador e até mesmo almejado.

A segunda parte da música nos faz compreender que ao romantizar esse abuso, este pode se tornar justificável, criando a ideia de que está sendo oferecido um cuidado, e, por conta disso, se pode dispensar essa condição de abuso pela

forma como é exposta, confundindo uma relação destrutiva com a idealização romântica assim como afirmam Maia e Cascaes (2017).

Em meio ao cenário musical, nacional ou internacional, existem inúmeras músicas que descrevem esse tipo de relacionamentos abusivos (THAY; YUU, 2016). Assim como a letra da música analisada explica essa forma de controle, descrita em canções que nos chamam atenção e que nos fazem perceber, assim como explica Oliveira *et al.* (2016), o quanto essa violência, que acontece dentro dos relacionamentos abusivos, são normalizadas e também romantizadas no meio da nossa sociedade, fazendo com que se torne cada vez mais difícil identificar essa violência experimentada por meio da vida de algumas pessoas, pois tal violência se torna cada vez mais disfarçada de cuidado e de afeto embora excessivo a ponto de machucar silenciosamente esse outro.

Diante de toda essa romantização dos relacionamentos abusivos que se dá nas músicas e nas demais representações da mídia, é de fundamental importância observar o quanto essas relações são impactantes na vida de quem as vivencia, e como são na maioria das vezes enxergadas como romantização o que na verdade acaba se tornando uma relação tóxica, difícil de perceber até por uma questão cultural do machismo existente em nossa sociedade. Essa mesma sociedade que era pra exercer o papel de questionadora expondo esse tipo de relação (SANTOS NETO, 2017).

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no seu portal, possui um programa apresentado por Yasmine Saboia cujo nome é “EM FAMILIA”. Tal programa aborda o tema relações abusivas e afirma que essa pode acontecer em qualquer situação e não apenas nas relações amorosas, mas também em relações familiares, no trabalho e até mesmo nas amizades, uma vez que são relações não amorosas nem envolvem apenas relações entre homem e mulher, vale dizer ainda que nem sempre o homem é o agressor, (EM FAMILIA, 2017).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2020), o psicólogo poderá, com embasamento no Código de Ética do Profissional Psicólogo (CEPP), contribuir para a eliminação de todas as formas de violência de gênero, colaborando com a criação e com o fortalecimento de redes de apoio social, familiar e de enfrentamento a referida violência, podendo também entrar com apoio ao agressor intervendo de forma acolhedora, a fim de que aconteça o rompimento do ciclo da violência.

Contudo, assim como aponta Silva (2019), devido o término e as possíveis marcas decorrentes do processo de abuso, as vítimas necessitam da ajuda de profissionais, pois a dúvida sobre si mesma irá permanecer sobre seus valores e respeito e até mesmo sobre futuros relacionamentos vindouros que essa vítima possa vir a ter.

4.2 Ciúmes como romantização dos relacionamentos abusivos

Os ciúmes podem ser considerados como uma demonstração de amor, de afeto e de cuidado, mas que ao mesmo tempo pode também despertar um sentimento de angústia, quando este é produzido de forma demasiada e doentia. Pode acontecer em toda e qualquer forma de relacionamento não somente nas relações amorosas como costumamos comumente associar (ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008).

Canezin e Almeida (2015) afirmam que se tratando do ciúme romantizado aquele que acontece nas relações amorosas ou ainda com pessoas que desejam se relacionar afetivo-sexualmente. O ciúme acontece quando de alguma forma a pessoa enciumada sente-se ameaçada com uma suposta perda da parceira ou do parceiro, expressa assim o seu ciúme, que pode ser a partir de alterações fisiológicas, sentida apenas por ela, até se chegar aos comportamentos agressivos, que pode ter diversas formas de se manifestar. Como nos descreve a letra da música em análise, esse ciúme pode desenvolver sentimentos como a desconfiança, uma certa insegurança e o medo, dentre outros.

Eu não sei dividir o doce
 Ninguém entende o meu descontrole
 Eu sou assim não é de hoje
 É tudo por amor
 E tá pra nascer
 Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
 Ciumento, eu?
 E o que é que eu vou fazer
 Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
 Ciumento, eu?
 Melhor falar baixinho
 Senão vão te roubar de mim.
 (HENRIQUE; DIEGO, 2017, *on-line*)

Ao atentarmos para a letra da música podemos perceber o caráter egoísta do ciúme sendo considerado como uma forma de abuso dentro dos relacionamentos, e o

quanto precisa ser desestimulado a romantização dele, para que a vítima perceba o controle absoluto que o parceiro possui sobre ela, sendo tratada como um objeto, entretanto o sujeito enciumado afirma que o ciúme é como sinônimo de amor, (CANEZIN; ALMEIDA, 2015).

Dessa forma, Almeida, Rodrigues e Silva (2008) apontam que sempre que existe essa manifestação do ciúme romantizado, esse é sempre confundido como uma forma errônea de proteção, acontecendo na relação afetada uma certa perda de identidade da pessoa que convive com o indivíduo ciumento, para que expectativas da parte desse ciumento (a) seja correspondido, havendo na maioria vezes uma destruição dessas relações, fazendo com que ambas as pessoas envolvidas sofram.

Canezin e Almeida (2015) ressaltam que nos relacionamentos saudáveis, o ciúme controlado pode ser considerado sadio, podendo contribuir para a conservação do compromisso, mas que é preciso ficar atento quanto à importância do grau de elevação desse ciúme, visto que todos têm maneiras diferenciadas de expressar esse sentimento que se faz presente em nossas vidas, além de que qualquer um de nós estamos sujeitos senti-lo.

Segundo Almeida (2012), o ciúme vem sempre associado ao medo da infidelidade, afetando assim diversos relacionamentos e se tornando um dos motivos que mais causa conflito entre os casais, independente da forma como é expresso, o que faz com que gradativamente possa ocasionar o afastamento de ambos, pois o companheiro se ver ameaçado com sua liberdade afetada por conta do apego em excesso. Daí se dar a insegurança advinda com os ciúmes, pois parceiros desprovidos do afeto, agredidos tanto física, verbal e psicologicamente começam a driblar esse estado de angústia, buscando por pessoas com mais sensibilidade diferente da que é vivenciada na sua relação atual.

De acordo com Almeida e Lourenço (2011), é notório em nossa sociedade evidenciar e enaltecer o ciúme dentro das relações, sendo bem comuns as expressões de que ciúme não é só sinônimo de amor, mas assim sendo considerado como “tempero” ou até mesmo prova desse amor, o que na verdade por se tornar cultural costuma ser usado como argumento para exercer sobre o outro o domínio e a posse. Quando esse ciúme se torna exacerbado causa mal-estar arruinando não só a relação como também as vidas envolvidas, é possível perceber que as manifestações de ciúmes nem sempre é para a proteção do outro, mas sim de si mesmo nas quais o ciumento importa-se com o que esteja por vir acometer essa relação, sendo que esse

sujeito alimenta em si uma visão de dono dos direitos da companheira/do companheiro a ele vinculada/vinculado, não podendo aquele ser desrespeitado ou depreciado.

Sabe-se que o ciúme está vinculado à percepção de que o outro não mais lhe pertence e com ameaças de uma terceira parte envolvida, o que gera ao ciumento certa insegurança e o medo de uma suposta traição, visto que o ciúme surge depois de o indivíduo ter sido traído pelo menos uma vez, o que faz com que se torne um vigilante permanente na relação (ALMEIDA, RODRIGUES; SILVA, 2008).

Centeville e Almeida (2007) afirmam da importância de abordar o tema ciúmes principalmente quando se trata do ciúme romantizado, por este se fazer bem presente nas relações humanas, para que assim exista uma espécie de preparação, visto que em algum momento de nossas vidas podemos ser afetados ou ser vítimas desse sentimento que tem feito muitas pessoas fantoches de suas próprias emoções, o que costuma acontecer quando esse ciúme tem passado de normal para patológico. O ciúme patológico está diretamente ligado a traços de personalidade paranoica no qual pode causar incontáveis transtornos não só nos relacionamentos amorosos como também em outros contextos como familiar, social e profissional, sendo sempre essa relação caracterizada por violência.

Vale ressaltar que no cenário musical existem inúmeras músicas que trazem o gênero sertanejo carregado de sentimento, é preciso nos atentar, para esse ciúme que é expressado de forma disfarçada ou naturalizada, pois é mediante esse sentimento que a pessoa enciumada expõe seu comportamento diante do seu alvo do ciúme, como a música citada acima com descrição na letra de um ciúme que é perceptível que já aflora o ciúme patológico, pela a relação de posse e de ambivalência entre o amor e a conjectura que assim cerca esses relacionamentos o que os torna adoecidos, pois o que era para ser uma forma de zelo e de cuidado acaba se tornando um estado permanente de vigilância, como afirmam Centeville e Almeida (2007).

4.3 A música e a naturalização das relações abusivas

A música é uma arte milenar, usada principalmente para expressar nossos sentimentos, diante de várias mudanças pelas quais passou o sertanejo, o gênero se tornou um dos mais populares do Brasil, considerado também um dos mais

comercializados, toda modernização da música durante esses anos trouxe uma temática diferenciada nas letras das músicas atuais, o que vale ressaltar que apesar da preferência musical, não deve ser ignorado o poder de identidade veiculada nessas letras (CONTIERI, 2015).

Por outro lado, entender como as letras dessas canções e outros assuntos se propagam perante a sociedade é de fundamental importância, pois terminam por construir uma naturalização do que é expresso nelas, como a violência, o machismo, a representação da mulher perante a sociedade dando lugar ao cotidiano. Como foi mencionado nos capítulos anteriores, através da crença de idealizar um relacionamento abusivo como forma de cuidado ou de quando se começa a romantizar os ciúmes, muitas mulheres se sentem acolhidas, amadas, confortável com esse cuidado que relatam nas músicas, cantam, sonham com esse homem ideal sem observar o real sentido do que foi dito, pois afirma tolerância à violência contra as mesmas, como apontam Santos e Sanchotene (2019).

Segundo Contieri (2015), essas músicas que toleram a violência contra as mulheres estão na lista de mais populares, porque se espalham em um meio social coerente e aceito o que não é diferente de quando falamos dos relacionamentos abusivos, acontecem também por uma questão cultural já enraizada em nossa sociedade, que é o machismo camuflado e naturalizado, ocorrendo assim essa possessividade que o homem passa a ter sobre a mulher, sendo que essa realidade se torna cada dia mais comum, podendo ser representada pela forma romantizada que a mídia transmite essa violência. Santos Neto (2017) relata que esses abusos tem representação de normalidade e de relações saudáveis, anulando de fato a gravidade da situação e deixando a ideia de que o amor é pertencente a essa ideia de controle.

As músicas que foram apresentadas anteriormente relatam como bem já falamos uma romantização da violência contra a mulher por meio de um relacionamento abusivo não sendo mais uma novidade no nosso repertório, mostram que esse discurso é aceito e que não é apenas no sertanejo. Como podemos ver através do que se foi estudado nas canções a seguir a música “Coração pede socorro” de Naiara Azevedo, no início do clipe, relata que muitas mulheres acham que estão em um relacionamento de amor mais infelizmente não estão, a música traz o controle, a necessidade da pessoa amada, mas também relata as marcas no corpo que jamais conseguirão esquecer. O “Amor que dói” e “Ele bate nela” de Simone e

Simaria, das duas, a primeira música relata que ela vivia um pesadelo sem fim e mesmo assim permaneceu calada, sofrendo e submetendo as marcas de um “AMOR”. Que amor é esse? A segunda relata agressão pelo mesmo “AMOR”, vindo do cara especial que ela acreditou ter encontrado, mas a máscara caiu, o agressor ameaça, bate e ela sofre sem aguentar apenas suportando.

De acordo com a descrição das músicas no Youtube em 2018, o Governo Federal por meio do ministério dos direitos humanos lançou a campanha “#VcTemVoz”, para conscientizar as pessoas sobre o que é violência contra a mulher. No clipe são mostrados exatamente os tipos de violência que acomete várias mulheres todos os dias, desde a violência psicológica, cárcere privado, controle financeiro e violência física.

A próxima música “Senha do Celular” de Henrique e Diego, a mesma dupla tema de nosso trabalho, discorre sobre um ciúme e uma desconfiança de que quando é negado o direito de ter acesso ao celular do outro é porque com certeza há traição. Já na próxima que é “Vidinha de balada” (Henrique e Juliano), a letra relata sobre está afim de um relacionamento e se ela não tiver vai ter que ficar, vai namorar sim e se reclamar vão casar também, relatando sobre uma imposição e sem direito de escolha se quer ou não o relacionamento.

Já “Mala é falsa” de Felipe Araújo relata uma chantagem emocional, usando a necessidade de carinho e amor do próximo; fala de um amor controlador, da necessidade da presença do outro e de viver por causa de outro. Podemos ainda citar “Quem ama cuida” de Cecília e Rodolfo, “Perto de você” de Marília Mendonça e “Por causa de você” de Kelly Key. Na próxima canção “Não se brinca com mulher” de MC Marcey, ela relata um amor fantasiado de príncipe encantado e apaixonado que apenas enganou.

Wesley Safadão discorre na letra de sua música “Sou Ciumento Mesmo” uma possessão quando assume ser ciumento e declara em forma de orgulho que é seu jeito de amar como se fosse uma imposição que deve ser aceito. Em “Ciúmes de você” e o “Cara que pensa em você toda hora” de Roberto Carlos, é relatado sobre um ciúme e um controle sobre o outro de forma romantizada e naturalizada como forma de cuidado e de uma supervalorização ao homem, o real machismo que tanto falamos.

A cultura do machismo tem influência não só no meio musical, mas numa sociedade onde esse machismo já se encontra impregnado, pois costumamos ver

como um sistema de replicação de dominação, usando argumentos de gênero, e assim, mistificando a relação entre homens e mulheres, na qual essas muitas vezes são transformadas apenas em algo sensualizado como um objeto, trazendo sérias consequências em nossa sociedade, causando todo tipo de comportamento violento fazendo com que seja aceito e naturalizado o desrespeito contra seus direitos humanos, assim como afirma Chaves (2015).

Para enfatizar sobre esse machismo que se encontra erroneamente perpetuado em nosso meio, dando essa superioridade ao homem sobre a mulher, Hirigoyen (2006, p. 75 *apud* MAIA; CASCAES, 2017):

Historicamente, o homem sempre foi considerado o detentor único do poder, e as mulheres sempre se viram excluídas dele, isso condicionou o modo de pensar de ambos, desde o berço: é assim, porque sempre foi assim! Essa representação social, partilhada por todos, ainda mantém os estereótipos, apesar da evolução dos costumes.

Diante desse contexto, podemos dizer que o machismo é uma força cultural da misoginia que vem sendo alimentada em nosso dia a dia, também promovida pela sociedade patriarcal que, desde muito tempo, traz essa desigualdade social de gênero que se encontra já enraizada na divisão do trabalho entre homens e mulheres e na forma hierárquica em que se deriva o conceito de família. No entanto, deve-se notar que quando o machismo prevalece nos relacionamentos de casais sua presença pode levar a um futuro relacionamento abusivo (MAIA; CASCAES 2017). No conceito de Souza (2018), esses abusos acompanhados de violência que muitas vezes se inicia no namoro pode ter longa duração, perdurando em todo o relacionamento fazendo com que esse abusador desempenhe cada vez mais seu papel, aceitando essa condição de abusador como resolução de seus conflitos, fazendo com que seus comportamentos se tornem naturalizado.

Segundo Pedro (2019), o assunto relacionamento abusivo ainda é pouco abordado em nosso meio, porém bem comum em nossa sociedade, fazendo-se presente na vida de muitos, havendo uma naturalização que precisa ser desconstruída, a vivência de um relacionamento abusivo não deve ser jamais considerado normal ou naturalizado, visto que a grande parte das vítimas sofrem grandes dificuldades de saber identificar se o que está vivendo é normal ou comum mediante o que essa sociedade lhe apresenta como “normal”. Essa vítima carrega muitas vezes o peso da culpa ou da dúvida pelo o que lhe é imposto em nossa

estrutura social, havendo ainda a parte do abusador um grau de dificuldade por consequência dessa influência cultural de se perceber como abusador.

O site Gênero e Número fez uma publicação bastante pertinente sobre a violência contra as mulheres nas paradas de sucesso, abordando sobre a misoginia em vários estilos musicais, sobre as medidas legais que podem ser tomadas em relação a esse crime quando o assunto for incitar a violência contra a mulher de forma direta. A página *web* trouxe ainda um pequeno debate de conscientização sobre o assunto e um questionamento importante sobre as pessoas perceberem as atitudes cantadas de forma tão natural, podendo trazer questões graves e problemáticas que envolvem a vida dessas mulheres (SILVA, 2018).

Portanto, este trabalho buscou enfatizar a violência que predomina em nosso meio musical, naturalizando a violência nos relacionamentos abusivos, com a percepção de que a música é uma forma de expressão cultural, mas não pode ser um incentivo ao crime de violência principalmente contra a mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo veio abordar os relacionamentos abusivos que vêm a afligir pessoas de diferentes gêneros e classes sociais, sendo o assunto considerado tabu, mas que aos poucos já ganhou repercussão, não devendo ser ignorado ou banalizado pois o mesmo é considerado uma forma de violência na qual pode ser confundida até como forma de cuidado.

Vale salientar que o presente trabalho objetivou uma breve reflexão sobre o tema abordando relacionamentos abusivos na letra da música “Ciumento, eu” da dupla Henrique e Diego e a possível dificuldade de percepção pelas vítimas desses abusos expostos na referida letra por serem romantizadas.

Os relacionamentos abusivos podem ser considerados um modo de violência silenciosa, sendo uma violação dos direitos da pessoa humana, podendo levar essas vítimas aos mais graves problemas de saúde, pois envolve vários tipos de violência iniciando-se de forma sutil, evoluindo desde a violência verbal, psicológica até se chegar à física.

Dessa forma, por meio da pesquisa foi possível perceber que as mulheres ainda aparecem como sendo os principais alvos desse tipo de abuso na relação, não afastando a hipótese de que venha acontecer em outros contextos. Porém foram encontrados alguns limites, diante do tema, sendo que a temática é mais direcionada às mulheres como já falado anteriormente, mas que determinados abusos acontecem nas mais diversas relações.

Diante de tudo a sugestão na qual se deixa é que o tema seja menos banalizado e que a sociedade não romantize as diversas formas de violência vivenciadas nesse tipo de relacionamento, tal violência vem muitas vezes representada em letras de músicas, em filmes, em novelas, dentre outros. Esperam-se as políticas públicas, que trabalham com essa temática, explorem mais o tema, principalmente quando o homem também for vítima, sendo que esses demoram mais a falar sobre o assunto, sobretudo quando estão vivendo nesses relacionamentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. de. O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa?. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 489-498, dez. 2012. Disponível em:<encurtador.com.br/nyGQR>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- ALMEIDA, T. de; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. da. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, abr. 2008. Disponível em: <encurtador.com.br/uxFMP>. Acesso em: 08 nov. 2020.
- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Ciúme romântico: um breve histórico, perspectivas, concepções correlatadas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. **Revista de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 18-32, 1 jul. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17548>>. Acesso em: 10 nov. 20.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA. (2008). Violência Doméstica. Porto, 2008. Disponível em: < <https://apav.pt/vd/index.php/features2/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CANEZIN, P. F. M.; ALMEIDA, T. de. O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 142-155, jun. 2015. Disponível em <encurtador.com.br/BGW29>. Acesso em: 08 nov. 2020.
- CENTEVILLE, V.; ALMEIDA, T. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. **Psicologia Revista**, v. 16, n. 1-2), p. 71-89, 2007. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/18058>>. Acesso em: 21 out. 2020.
- CHAVES, F. N. A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE-INTERCOM. 16, 2015. Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: Intercom, 2015. Disponível em:< <https://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0606-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- CONTIERI, A. A. *et al.* " **As mais tocadas**": uma análise de representações da mulher em letras de canções sertanejas. 2015.
- COSTA, L.; MACHADO, C.; ANTUNES, R. Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. **Fundação para a ciência e tecnologia**. 2009. Disponível em:<encurtador.com.br/adLPQ>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CUNHA, S. da. Casais homoafetivos também sofrem com relacionamento abusivo. **Uol/Universa**, 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/18/casais-homoafetivos-tambem-sofrem-com-relacionamento-abusivo.htm>. Acesso em: 23.out de 2020.

EM FAMÍLIA - Relações Abusivas. 2017. 1 vídeo (26 min.). Publicado pelo Portal Fiocruz. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/video/em-familia-relacoes-abusivas>>. Acesso em: 05 out. 2020.

GLOBO e ONU mulheres iniciam campanha de enfrentamento à violência contra as mulheres. **ONU mulheres Brasil**, 2015. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/globo-e-onu-mulheres-iniciam-campanha-de-enfrentamento-a-violencia-contra-mulher/>. Acesso em: 11 nov. de 2020.

HENRIQUE; DIEGO. **Ciumento eu**. São Paulo: Sony Music, 2017. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/henrique-diego/ciumento-eu/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

INSTITUTO AVON; DATA POPULAR. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher**. 2013. Disponível em: < <http://bit.ly/1KXGxrq> > Acesso em: 28. Out de 2020.

MAIA, L.; CASCAES, N. **A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos**. Unisul, 2017. 23 p. Disponível em: < encurtador.com.br/moQUY>. Acesso em: 10 out. de 2020.

NOVAIS, M, de. A naturalização dos relacionamentos abusivos. **Repórter Unesp**, 2015. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/naturalizacao-dos-relacionamentos-abusivos/>>. Acesso em: 23.out de 2020.

OLIVEIRA, F. M. A. *et al.* Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a ineficácia da Lei Maria da Penha. In: ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO. 9., 2016, Sobral. **Anais eletrônicos...** Sobral: Faculdade Luciano Feijão, 2016. Disponível em:<encurtador.com.br/guFQZ>. Acesso em: 05 out. 2020.

PEDRO, A. M. **Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers: uma análise avaliativa**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/dfix4>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SANTOS, A.; SANCHOTENE, N. Abuso, desejo e moralidade: narrativas contemporâneas sobre sofrimento nas relações amorosas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em:< encurtador.com.br/efpE8>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SANTOS NETO, N. Sexualidade. Relações abusivas no cinema: uma breve análise da personagem Harley Quinn. In: SEJA GÊNERO E SEXUALIDADE NO AUDIOVISUAL, 2., 2018. Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2018. Disponível em:<<https://www.anais.ueg.br/index.php/seja/article/view/10713>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, P. R. A. da. **Gravíssimo**: empatia para vítimas de relações abusivas através do design de jogos. 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual - Design) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, V. R. da. A violência contra mulheres nas paradas de sucesso. **Gênero Número**, 2018. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/violencia-contra-mulheres-nas-paradas-de-sucesso/>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-45, ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 out. 2020.

SOUZA, D. C. de. **Relacionamentos abusivos**: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

TAGG, P. Análise musical para "não-musos": a percepção popular como base para a compreensão de estruturas e significados. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 23, p. 7-18, jun. 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2020.

THAY; YUU. Dos relacionamentos abusivos e da violência em versos e melodia. **Portal Valkírias**. 2016. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/relacionamentos-abusivos-versos-melodia>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. São Paulo: Flacso Brasil, 2015.

WALKER, L. E. **The Battered Woman Syndrome**. New York: Springer Publishing Company, LLC, 2009.